

# OS TRABALHADORES E O TRABALHO: A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E AS EXPERIÊNCIAS NA ORGANIZAÇÃO PARA A GREVE

Flaviane Mônica Christ<sup>1</sup>  
Leozil Ribeiro de Moraes Júnior<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho discute as considerações presentes no livro “Greve na Fábrica” de Robert Linhart, escrito entre os anos de 1968 e 1969, e o mundo dos trabalhadores que vivenciavam o cotidiano fabril. A análise aborda as principais problemáticas do processo produtivo da fábrica da Citroën, da Porte de Choisy, localizada no centro de Paris na França e como os operários lidavam com as transformações no mundo do trabalho. As experiências das lutas no chão da fábrica foram compreensíveis, ao passo que o autor do livro decidiu por vivenciá-la, como operário. Diante disso, este artigo busca relacionar as vivências dos trabalhadores com os autores que discutem a questão, como: Claus Offe, Enrique De La Garza e Cornelius Castoriadis. Conclui-se que o processo de reestruturação produtiva da fábrica, em que diferentes métodos foram aplicados, como o cronômetro de movimentos e a esteira para montagem, ajudou alavancar a produção e também possibilitou a organização dos trabalhadores. As disputas demarcaram as relações vividas entre patrões e empregados no mundo do trabalho.

**Palavras-Chave:** Trabalhadores. Greve. Fábrica. Experiências. Mundo do Trabalho.

## ABSTRACT

This paper discusses the considerations in the book "The Assembly Line" by Robert Linhart, written between 1968 and 1969, and the world of the laborers who experienced the daily work in factory. The analysis broaches the main problems of the productive process of the Citroën factory, from the Porte de Choisy, localized in the central of Paris, France, and how laborers dealt with the transformations in the working world. The experiences of the struggles on the factory floor were understandable, while the book's author decided to experience it as a laborer. Therefore, this article seeks to relate the experiences of laborers with the authors that discuss the question as: Claus Offe, Enrique De La Garza and Cornelius Castoriadis. It is concluded that the productive restructuring process of the factory, in which different methods were applied, helped boost production and also enabled the laborers organization. The disputes demarcated the relations lived between employers and employees in the working world.

**Keywords:** Workers. Strike. Factory. Experiences. Working World.

---

<sup>1</sup> Jornalista, Historiadora e Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora no curso de jornalismo na Universidade Estadual do Estado de Mato-Grosso (UNEMAT). E-mail: flaviane@hotmail.com

<sup>2</sup> Jornalista, Historiador e Mestre em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor no curso de jornalismo na Universidade Estadual do Estado de Mato-Grosso (UNEMAT). E-mail: leozil@bol.com.br

## **1. INTRODUÇÃO**

O mundo do trabalho e dos trabalhadores tem possibilitado amplas discussões nas diferentes áreas do conhecimento. A história, a sociologia e a antropologia tem ampliado os debates, para buscar entender a organização do trabalho e, em alguns casos, dos trabalhadores. Desde as posições de Marx, no século XIX, avanços e retrocessos tem constituído uma importante área de estudo que nos faz perceber a complexidade e globalidade desse tema.

A problemática que envolve os trabalhadores como meros reprodutores do sistema capitalista - visto pela economia política com um dado não modificável -, tem chamado atenção de grupos de pesquisadores que tem se preocupado em perceber que as pessoas simples - “os vistos de baixo” como chamou a nova esquerda britânica -, seus modos de vidas. Ou seja, os trabalhadores também se constituem e são constituintes de culturas, pois eles vivenciam o cotidiano, suas contradições e lutas. Assim como a classe dominante, que é produtora de conhecimento e dos modos como vive a classe trabalhadora também é. Portanto, precisamos analisar com mais profundidade e respeito os trabalhadores, e como eles dão sentido para a vida, no trabalho e também fora dele.

Nesse sentido, este artigo parte de uma intensa discussão que perpassaram autores como: Claus Offe, Enrique De La Garza e Cornelius Castoriadis. Eles dão uma amplitude para as problemáticas que envolvem os trabalhadores nos períodos atuais. Permitem refazermos questões como: Como é o trabalho na fábrica? Como os trabalhadores lidam com reestruturações que ocorrem no processo produtivo? Problemáticas antigas, mas com tentativas de novas respostas. Portanto, o objetivo é discutir a organização dos trabalhadores presentes no livro de Greve na Fábrica de Robert Linhart. A hipótese é que o conflito permeia as relações trabalhistas, entre patrão e empregado, e que o processo produtivo ao passar por intensas modernizações das técnicas acaba por eliminar os trabalhadores da indústria e/ou ajudá-los na organização das lutas.

## **2. A GREVE NA FÁBRICA**

Robert Linhart escreve o livro “Greve na Fábrica”, entre os anos de 1968 e 1969, quando analisa a fábrica da Citroën, da Porte de Choisy, localizada no centro de Paris na França. O autor que é um intelectual da sociologia e descreve no livro sua experiência de trabalhador numa fábrica, como operário. No primeiro dia de trabalho percebe que a ideia que tinha de uma linha de montagem não corresponde com o real. O tempo da verdadeira linha é contínuo e rotineiro e não rápido com paradas, como pensava. O ritmo do trabalho não é determinado pelo operário, mas pelas máquinas que não param, cada operário deve mover-se para excetuar sua função. Assim, para quem olha de fora parece que toda a linha de montagem caminha num ritmo lento, mas para quem tem que executar uma série de gestos em poucos segundos a linha é de uma rapidez frenética. Quando já está “integrado na produção” Linhart passa a vivenciar esse trabalho ritmizado pela máquina.

O autor chama atenção nas primeiras páginas do livro para esse trabalhador, que está sob a organização do trabalho dentro da tendência do fordismo, ou seja, diante da linha de montagem pode realizar qualquer atividade dentro da fábrica, porque não necessita de um conhecimento anterior. O trabalho é tão parcializado que ele se adapta em poucos minutos a qualquer uma das funções. Importante não é a atividade que o trabalhador faz desde que, realize qualquer uma com rapidez e precisão, para ampliar a produção. Isso acaba por desgastar o trabalhador, aquilo que Marx destaca já no século XIX, quanto às condições do trabalhador no modo de vida capitalista. Quanto mais riqueza ele produz mais pobre ele fica (MARX, 2001).

O trabalhador ao produzir carro se transfere aos poucos para o objeto. Enquanto produz valor se desvaloriza. Desgasta o ser humano. Está programado para viver o quanto é capaz de produzir. Isso fica perceptível quando Linhart fala do velho Albert, que trabalhava no depósito, e contava o dia para se aposentar, e exatamente um mês depois, já aposentado, morreu de crise cardíaca (1978, p. 100).

Porém, a desvalorização dos homens acontece também na hierarquia que a empresa estabelece para contratar os operários. Linhart descreve que a maneira como fazem a distribuição das funções entre três categorias de trabalhadores manuais e especializados é racista. Assim, os pretos são todos considerados trabalhadores manuais de mais baixo escalão, em forma ascendente são os árabes, seguidos de espanhóis e portugueses. Já os franceses são considerados automaticamente trabalhadores especializados, mesmo que não

saibam nada de linha de montagem (LINHART, 1978, p. 22). A direção da empresa desconsidera assim, as habilidades e os conhecimentos, e estabelecem uma distribuição de cargos de modo preconceituoso e desumanizador.

Contudo, é justamente pelo tratamento dado aos operários na empresa que eles buscam estabelecer um sentido para o trabalho. É no processo de enfrentamento que vão se constituir enquanto trabalhadores conscientes de sua importância no processo produtivo. Como aponta Claus Offe, de que a esfera do trabalho deixa de ter importância na vida cotidiana dos homens: “A pesquisa sociológica da vida cotidiana e do ‘mundo vivido’ também representa um rompimento com a ideia de que a esfera do trabalho tem um poder relativamente privilegiado para determinar a consciência e a ação social” (1994, p. 172).

Ao contrário das pesquisas sociológicas o relato da experiência de Linhart na fábrica aponta justamente o oposto. De que a esfera do trabalho é sim um local de correlações de forças, e por isso privilegiado para determinar a consciência e a ação social. Escreve Linhart:

As ocupações rotineiras da luta nos libertavam em parte da angústia e da amargura. Tudo passava a ter sentido. Agora, as feridas e as humilhações da vida cotidiana não se perdiam mais no poço sem fundo de nossa raiva impotente. Os chefes podiam insultar, explorar, roubar, mentir. Nós lhes havíamos aberto conta secreta e, cada vez que nela depositavam uma nova injustiça, nós pensávamos: o espere o 17 de fevereiro (LINHART, 1978, 73).

A organização da luta, da greve, foi um momento de construção de sentido para aqueles que estavam envolvidos no processo, e acabava que isso dava significado também para questões fora da fábrica. Antes do trabalho não mais ser central na vida desses operários, ele se torna tão fundamental que conseguem reverter “às feridas e humilhações da vida cotidiana”, que era também abalada pela sujeição no trabalho. Quando conseguem dar sentido ao trabalho também conseguem atingir isso na vida cotidiana. Aquilo que De La Garza (2007) discute: a identidade dos sujeitos não se constitui no trabalho, mas em todas as dimensões vividas, também fora do trabalho. O homem se constrói enquanto sujeito em todas suas relações sociais, inclusive no trabalho. Os homens não respondem automaticamente, a identidade não se dá no abstrato e sim em dificuldades, confrontos, nas relações de forças.

Outro aspecto interessante no livro é a questão da banca e dos três iugoslavos que revezavam na montagem de fechaduras completas. Segundo Linhart (1978, p. 30) eles trabalham tão depressa que dois dão conta do serviço, então um pode ficar livre, tendo tranquilidade para fumar, ir ao banheiro, conversar com as meninas no estofamento. E a forma de organização foge do padrão da empresa, mas os patrões permitem, uma vez que não há problemas nesse trecho da produção. Assim, esses trabalhadores construíram um método de trabalho próprio com base na experiência que adquiriram com o tempo. Porém, depois da greve de fevereiro de 1969 esses trabalhadores são transferidos das funções, e perdem a relação subjetiva que tinham com o trabalho, assim pedem demissão por não se adaptarem.

Quanto à banca vai nesse mesmo sentido. O retocador Demarcy, que parece um pequeno artesão, quase fora de lugar, constrói ao longo do tempo seu instrumento de trabalho, que é a banca onde exerce uma série de funções. “Essa banca inventada, foi ele mesmo quem fez, modificou, transformou, completou. Agora ela faz parte dele, ele sabe de cor suas possibilidades” (LINHART, 1978, p. 131). Ou seja, enquanto o trabalhador e sua banca não significavam baixa produtividade era permitido. Mas, no momento em que o padrão de produtividade é ampliado, as mudanças, transferências e reagrupamentos modificavam a produção, e com isso o instrumento de trabalho - a banca - necessitava de uma nova racionalização, que não mais a do trabalhador, mas dos burocratas – que nunca pegaram em ferramentas - que pensavam agora em aumentar a produção e ainda baixar seus custos. Lopes (1998) ao analisar a cultura dos operários, na constituição da Fábrica Paulista, no interior de Pernambuco, no início do século XX, destaca como as alternativas criadas pelos trabalhadores nem sempre são prejudiciais à produção, ao contrário, em momentos até ajuda na elevação desse padrão:

[...] a tolerância aos aspectos dessa “cultura de fábrica” dos operários não prejudica e até favorece a produção: por que não deixar brincar se o lema do “bom trabalhador” é “trabalhar e brincar”? Por que coibir uma “reinvenção criativa” da fábrica por parte dos operários, com seus grupos informais de companheiros de trabalho e de brincadeira, com seu senso apurado de “microfísica da resistência” ao ambiente hostil da fábrica, se tal “reinvenção” contribui na formação de um clima de trabalho que propicia também a descoberta da maneira mais econômica e criativa de trabalhar, nas franjas infinitesimais de percepção

visual, tátil e persistência ao cansaço e à monotonia, que escapam à programação determinada pelo ritmo da máquina e ao aprendido padrão transmitido dentro da fábrica? (LOPES, 1988, 87)

Assim, o autor enfatiza a criação da cultura operária que não é o tempo todo resistência, ora também é acomodação. Mesmo no trabalho alienado os operários também construíram uma cultura operária. Contudo, esses aspectos que fogem da estrutura da fábrica dita como normal, ou seja, essa reelaboração dos trabalhadores quanto ao ambiente e ferramentas de trabalho na fábrica da Citroën, da Porte de Choisy, começam a ser inspecionados e substituídos. As “zonas de autonomia” começam ser controladas, isso ocorre principalmente, depois da organização dos trabalhadores.

Quanto à greve, ela é retratada por Linhart, como uma organização que surge no seio da empresa, sem ligações com o sindicato. Para o autor o sindicato é ligado à diretoria da fábrica, definido por ele como “sindicato amarelo”, aos quais os trabalhadores são muitas vezes obrigados a se filiarem e quando o fazem é muito mais por facilidades de promoção, do que luta contra a diretoria. Assim, a organização da greve se dá pelos trabalhadores independentes do sindicato, com o objetivo de bloquear a produção, pois eram contra “recuperação”. Método utilizado pela empresa para recuperar a produção paralisada durante greves de maio-junho de 1968.

Nesse sentido, o autor divide sua avaliação da greve com outro intelectual da esquerda francesa. Ou seja, para Castoriadis (1985. p. 137-139) os movimentos no seio da empresa deveriam ser independentes do sindicato. O autor defende a “organização autônoma dos operários” a “luta cotidiana no seio da empresa capitalista”, mas ao fazer isso aponta para a prática do operário sempre como resistência, ou seja, não vê separação entre consciência de classe e classe. Não vê fissuras dentro do próprio movimento operário. Já nessa perspectiva se diferencia da abordagem de Linhart, que aponta várias contradições dentro do movimento, principalmente nos momentos de continuar ou não com a greve.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Depois da pressão dos trabalhadores contra a ampliação da jornada de trabalho, ocorreu a repressão por parte da diretoria, na luta de classes se modificaram vários aspectos

da fábrica. Houve mudanças de trabalhadores de seus postos de trabalho e modificação de máquinas, para pressionar, muitos dos homens organizados na luta, a pedirem demissão. E de muitos deixaram a fábrica depois da nova reestruturação produtiva, em que todos os métodos possíveis foram utilizados para elevar a produtividade. O que se percebe no livro que não há uma linearidade de substituição dos métodos produtivos. Como, por exemplo, não se deixa de cronometrar os movimentos, aquilo que Taylor desenvolveu, para se utilizar à linha de montagem de Ford, mas essas técnicas subsistem juntamente para mais produção, na Citroën. São implementadas nas relações de disputas, nas práticas sociais dentro do espaço fabril.

Diante de tudo isso, a metodologia escolhida pelo autor, de trabalhar na fábrica, para analisar o mundo dos trabalhadores, permitiu que detalhes ricos dessa experiência nos fossem revelados. Como, por exemplo, na organização de uma greve. Porém, não dá para pensar que necessariamente os operários precisavam de um intelectual para se organizar, pois muito deixa claro o autor, que esse germe da organização já se fazia presente no ambiente da fábrica (ele não dá mais detalhes das grandes greves de maio-junho de 1968 ocorridas antes de sua estadia por lá). Mas também, não se nega o novo fôlego que Linhart possibilitou para a greve de fevereiro de 1969. Ou seja, Linhart busca construir uma nova organização coletiva de luta contra a diretoria, mesmo quando tudo já parecia perdido, pois as derrotas do movimento operários na França de maio e junho de 1968 tinham levado os trabalhadores à derrocada.

Então, interessante também, para finalizar, são as possíveis relações entre as greves da fábrica da Citroën, da Porte de Choisy, com as grandes manifestações ocorridas principalmente entre os estudantes e operários no maio de 1968 na França. Ou seja, para Linhart o maio de 1968 se fazia presente, ainda que já fosse fevereiro de 1969.

## REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, Cornelius. (1958), “Sobre o conteúdo do socialismo, III: a luta dos operários contra a organização capitalista”. In: **A experiência do movimento operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DE LA GARZA, Enrique. Do conceito ampliado de trabalho ao conceito ampliado de sujeito trabalhador. Tradução: BOSI, Antônio. In: **Revista Tempos Históricos**. v. 11. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 2007.

LINHART, Robert. **Greve na Fábrica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LOPES, J.S.L. A garantia das condições materiais de existência por parte da companhia. In: **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade dos chaminés**. São Paulo: Marco Zero, 1998. p. 37-165.

MARX, Karl. Manuscritos **Econômico-Filosóficos: e a Introdução à Crítica da Economia**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

OFFE, Claus. Trabalho: a categoria sociológica chave? In: **Capitalismo Desorganizado**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 167-197.